

**André Petitat (direction de), *Contes: l'universel et le singulier*, Lausanne, Editions Payot Lausanne /Sciences humaines, 2002, 221 pp.**

Isabel Cardigos

Este livro resulta de um colóquio — *Contes et théorie du récit* — que teve lugar na Universidade de Lausanne em Outubro de 2000. Reúne doze artigos agrupados em três partes, que me limitarei a apresentar sumariamente, traduzindo títulos ou citações para português. A primeira parte (“Contos e acção”) ocupa metade do total, com cinco artigos. Françoise Revaz (“O conto e a sobreposição de fronteiras entre acontecimento e acção”) estabelece uma série de gradações do real para o ficcional, ancoradas na passagem do “acontecer” passivo do mundo inanimado para o “agir” que o activa e pessoaliza. André Petitat (“Contos e normatividade”) propõe uma hierarquização de géneros nos contos com base na sua intenção normativa; começando com os contos de fórmulas e culminando com os contos maravilhosos, conclui que há uma relação de equivalência entre complexidade e intenção normativa. Claude Brémont (“Princípio dum índice de acções nas *Mil e uma Noites*”) apresenta uma sofisticada proposta de índice aplicada às *Mil e uma Noites*, que toma em linha de conta unidades e funções narrativas, que — como era de esperar — nos levam bem mais longe que qualquer anterior índice de motivos. Partindo duma bem discutida e meticulosa análise de funções de *As Três Cidras do Amor* (“*A Morfologia* de Propp posta à prova d’*As Três Laranjas*”), Christine Shojaei Kawan especifica uma nova função de doador — a *informação* — que me parece muito pertinente. Raphaël Baroni (“Crises conjugais nas sequências finais dos contos femininos”) centra-se nos contos femininos com uma segunda peripécia, centrada em redor do casamento ou do parto (AT nºs 403, 408, 450, 451, 453, 510 A, 706 e 707).

A segunda parte da obra (“Contos e contextos”) inclui quatro artigos. François Flahault (“La parole du mort”) compara os contos da tradição europeia (*The Offended Skull*, AT 470A) e da tradição africana (*A Caveira que Fala*) em que o ominoso falar do morto ensina, no primeiro caso, a respeitar os mortos. No segundo caso, mais subtil — em que “o sentido que toma a palavra do morto para o ouvinte muda do princípio para o fim da história” —, é a palavra ouvida que mata por não ser entendida. Marianne Mesnil (“O conto posto à prova do contexto”) compara temas de deliberada mudez feminina nas narrativas búlgara e romena, que cristalizam em histórias diferentes de acordo com as diferentes tradições no que respeita às regras do silêncio da jovem esposa perante a sogra. Marine Carrin (“Implícito e narratividade nas narrativas de *bonga*”) analisa a recepção de histórias sobre *bonga* — espécie de seres encantados da tradição de comunidades bengalis —, que mantém em aberto a meditação sobre a natureza desses seres. Talvez um tanto deslocado deste segundo grupo, a artigo conjunto de Jean-Michel Adam e Ute Heidmann (“Reordenar os motivos é mudar o sentido”) detecta, mediante uma meticulosa análise das duas narrativas, a profunda diferença de “A Princesa e a Ervilha” nos Grimm e em Andersen, aparentemente muito próximas. Finalmente, a terceira parte (“Contos e identidade”) abre com Nicole Belmont (“Silêncio, mutismo e discrição: o itinerário estruturante das figuras femininas no conto”), artigo em que se volta a abordar o tema da mudez /silêncio femininos, em contos comuns aos examinados por Raphaël Baroni, aqui à luz da “crise conjugal”; confirma-se que o silêncio feminino é sinal de disjunção. Após um artigo de Claude de la Genardiére (“Conto, jogo, romance familiar e estruturação psíquica”), que trata das histórias fantasmáticas do imaginário infantil, esta compilação fecha com uma reflexão muito interessante de Jean-Noël Pellen sobre o acto de contar histórias e o sentido da sua reiteração; intitula-se, precisamente, “O simples facto de recontar sempre a mesma história: Reflexão sobre o aquém do sentido na tradição do conto”, destacando “a própria reiteração como acto significativo” (200). Coíbo-me de revelar qual o significado desse duplo acto de voltar a ouvir /voltar a contar a mesma história. Deixo esse prazer aos futuros leitores desta importante colecção de artigos.